



Socialismo, Cálculo Econômico e Função Empresarial

Jesús Huerta de Soto

Tradução de Bruno Garschagen

São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2013. (382 páginas)

ISBN: 978-85-8119-043-3

.....

Para os que acompanham a evolução das ideias nas áreas ditas “humanas” do conhecimento, pouquíssimos resultados são tão equilibrados, harmoniosos e bem construídos quanto a contribuição de Ludwig von Mises (1881-1973) para o debate do cálculo socialista. Apesar de viver em um contexto político turbulento nas relações internacionais¹ e de testemunhar em primeira mão as consequências mais imediatas da implementação dos experimentos coletivistas na Europa, Mises não precisou recorrer à retórica ideológica para refutar a validade do planejamento econômico socialista. Mises possuía, obviamente, um posicionamento bem definido com relação à economia e à política, bem como convicções muito sólidas dentro da tradição do pensamento liberal. Contudo, a beleza de sua argumentação reside exatamente no fato de que não precisou atacar o socialismo a partir de suas crenças e opiniões pessoais; tampouco o condenou por razões de discordância em seu foro íntimo. Mises colocou o próprio arcabouço ideacional entre parênteses, evitou cuidadosamente incorrer em juízos de valor e utilizou unicamente a razão lógica e a observação da realidade, a partir de um conjunto de pressupostos enunciados de

forma explícita e clara², para deduzir com o rigor de um matemático a impossibilidade do cálculo econômico no socialismo.

Graças à sua isenção ideológica e ao seu compromisso exclusivo para com o conhecimento, Mises produziu um argumento que transcende o caso particular do socialismo e que possui a qualidade de ser de aplicabilidade mais geral. Pois, como recorda Peter G. Klein:

[...] precisamos perceber que seu argumento não é, exclusiva ou mesmo primordialmente, sobre o socialismo. É sobre o papel dos preços para os bens de capital. [...] Em qualquer ambiente, portanto (socialista ou não), em que um fator de produção não possui preço de mercado, um usuário potencial desse fator será incapaz de tomar decisões racionais sobre sua utilização³.

Caso Mises tivesse recorrido ao palavreado retórico com intenção de convencimento, possivelmente teria causado mais impacto e agitação no ambiente acadêmico. Esse é, afinal de contas, o *modus operandi* típico de quem entende as

¹ Para uma apresentação da relação de Ludwig von Mises com os eventos históricos de seu tempo, e de como isso impactou em seu desenvolvimento intelectual, ver: VAN DE HAAR, Edwin. **Classical Liberalism and International Relations Theory: Hume, Smith, Mises, and Hayek**. New York: Palgrave Macmillan, 2009. Cap. 5, p. 75-100.

² Para os detalhes, remeto o leitor à leitura das obras originais de Mises com respeito ao tema: MISES, Ludwig von. **Economic Calculation in the Socialist Commonwealth**. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 1990 [1920]; MISES, Ludwig von. **Socialism: An Economic and Sociological Analysis**. New Haven: Yale University Press, 1951 [1922].

³ KLEIN, Peter G. **O Capitalista e o Empreendedor: Ensaios sobre Organizações e Mercados**. Trad. Claudio A. Téllez Zepeda. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2015. p. 32.

áreas humanas e sociais como campos do conhecimento que utilizam a linguagem não somente para comunicar, mas também para persuadir, conforme declarado por Hedley Bull (1932-1985), um dos representantes mais importantes da Escola Inglesa de Relações Internacionais e que, nos anos 1960, adotou um posicionamento apaixonadamente anti-científico:

[...] a escrita histórica e política, além de servir ao propósito da comunicação entre especialistas que buscam a compreensão do assunto, serve também a outros fins, tais como educação, persuasão, entretenimento público e a exibição de feitos cavalheirescos⁴.

O preço a pagar teria sido alto demais caso Mises tivesse escrito dessa maneira: sua argumentação – por mais acertada que fosse – perderia a generalidade e não passaria de mais um exemplo de panfletagem ideológica, indigna de ser levada a sério por qualquer pessoa que coloca o apetite pelo conhecimento acima de qualquer dogmatismo, apelo à autoridade ou vocação circense para entreter o público.

Contrariamente à descrição/exortação de Bull (que infelizmente parece ainda inspirar grande parte das “pesquisas” realizadas em muitos departamentos acadêmicos em áreas humanas e sociais na atualidade, dado que dão mais importância ao ativismo político⁵ do que à produção de conhecimento), Mises não precisou convencer mediante jogos linguísticos de manipulação retórica, ou através da imposição desonesta de um ideário específico, apelando para os aspectos emocionais de seu público leitor.

⁴ BULL, Hedley. *International Theory: The Case for a Classical Approach*. *World Politics*, Vol. 18, No. 3 (April 1966): 361-77. Cit. p. 364-65. Tradução livre do autor.

⁵ Seguindo de maneira literal, obviamente, a prescrição de Karl Marx (1818-1883) em sua Undécima Tese sobre Ludwig Feuerbach (1804-1872). Ver: ENGELS, Friedrich. *Ludwig Feuerbach and the End of Classical German Philosophy. With an appendix: K. Marx - Theses on Feuerbach*. Moscow: Progress Publishers, 1969 [1888].

Mises, na verdade, não *convence* a respeito da impossibilidade do cálculo econômico socialista, pois não se trata de convencer. O que faz é explicar, cuidadosamente, as razões lógicas que tornam impossível conduzir uma economia de forma centralizada. Dessa maneira, Mises obteve um resultado que talvez seja o mais próximo que se pode chegar de um teorema⁶ nas áreas humanas e sociais – um argumento que ocupa lugar de destaque na tradição do pensamento austríaco e que tem sido estudado, analisado e desenvolvido por diversos autores austríacos nas décadas que se seguiram à sua formulação original. Com sua perspicácia característica, o economista austríaco espanhol Jesús Huerta de Soto percebeu a importância de reapresentar, na contemporaneidade, diversas posições austríacas a respeito do problema do socialismo (e, de modo mais geral, da interferência no mercado), colocando em destaque o papel da função empreendedora – um dos motores mais importantes para o desenvolvimento do processo de mercado.

O livro de Jesús Huerta de Soto é uma importantíssima contribuição contemporânea para as discussões – ainda muito atuais e pertinentes – em torno da questão socialista. O autor apresenta e analisa minuciosamente os principais nomes associados ao debate e, para cada posicionamento, apresenta os antecedentes históricos e intelectuais. Dessa maneira, seu livro é um verdadeiro tratado a respeito da relação entre socialismo e cálculo econômico. Trata-se de uma obra para estudo e consulta, imprescindível para qualquer pesquisador que pretenda debruçar-se seriamente sobre o tema. Além disso, Huerta de Soto atualiza as discussões para as décadas que se seguiram às contribuições originais dos anos 1920 e 1930, oferece um panorama

⁶ Ao contrário das teorias científicas, que são continuamente testadas e sujeitas à necessidade de revisão diante do surgimento de novas evidências, os teoremas matemáticos são resultados provados como verdadeiros dentro de uma estrutura lógica e de acordo com o método axiomático-dedutivo. Uma vez demonstrado, um teorema não pode mais ser refutado.

detalhado dos posicionamentos austríacos com relação ao tema ao longo do século XX e demonstra, mais uma vez, que o socialismo, qualquer que seja a sua variante, não resiste à análise austríaca. Mais ainda, Huerta de Soto expõe as limitações e deficiências das diversas tentativas (históricas e atuais) de contestar a posição austríaca em particular e o liberalismo econômico mais geral: o socialismo de mercado, a possibilidade de estender as capacidades da realização de cálculos matemáticos, modelos de Estado de bem-estar social, a social-democracia e assim por diante. O que fica evidente, a partir da análise do autor, é que todas essas críticas e propostas desenvolvidas em antagonismo aos austríacos trazem, em seu bojo, os mesmos vícios: tolhem a ação humana individual, impõem coerção e controle sobre os indivíduos e pervertem as instituições mais fundamentais para a possibilidade de vida em sociedade.

Huerta de Soto insiste na importância de aprofundar o debate em torno do socialismo e defende a sua tese central de que *“a análise do socialismo só pode e deve ser desenvolvida a partir de uma profunda e clara concepção da ação humana e dos seus decorrentes processos dinâmicos de interação social”*⁷. Em consonância com a tradição austríaca, o autor chama a atenção para a importância da correspondência entre *“ação humana”* e *“função empreendedora”*. Dado que a atividade empreendedora está intimamente associada à produção e difusão das informações que possibilitam a realização do cálculo econômico (isto é, as tentativas racionais conscientes de antecipar o estado de coisas para melhor atender às demandas da sociedade, a partir das informações disponíveis), então toda e qualquer forma de coerção institucional que prejudique a função empreendedora produzirá efeitos negativos sobre o cálculo econômico, com

consequências inevitavelmente nocivas para o desenvolvimento econômico e social. Dessa maneira, o socialismo, que o autor concebe como *“todo o sistema de agressão institucional ao livre exercício da ação humana ou da função empresarial”*⁸, demonstra ser uma verdadeira doença social.

O autor também elabora uma análise detalhada do papel do empreendedorismo para o bom funcionamento da economia de mercado. O papel do empreendedor costuma ser negligenciado pelas correntes dominantes (*mainstream*) neoclássicas e atacado por diversas versões socialistas, que veem no empreendedor uma figura perniciosa. No entanto, é o empreendedor quem possibilita o funcionamento do processo econômico. Ao inibir a função empreendedora, o socialismo prejudica os incentivos para a atividade econômica e distorce a qualidade da informação, conduzindo à tomada de decisões econômicas equivocadas, que repercutem de forma negativa na sociedade como um todo. Os erros intelectuais do socialismo também são meticulosamente expostos e comentados por Huerta de Soto, possibilitando assim uma avaliação mais precisa da sua gestação política.

Um ponto que merece destaque é a crítica que Huerta de Soto elabora contra a pretensão socialista de, mediante o aumento da capacidade computacional e matemática, dar conta das fórmulas matemáticas que descrevem o funcionamento econômico, desde que a informação para alimentar essas fórmulas esteja disponível e desde que tenhamos as ferramentas computacionais adequadas para resolvê-las. O autor observa que a questão relevante é, na verdade, se é possível obter toda a informação necessária para estabelecer as equações em primeiro lugar. Chamo a atenção para isto, pois muitas pessoas acreditam verdadeiramente que, pelo menos em teoria, isso seria possível. Acrescento, contudo, que a economia funciona como um sistema complexo,

⁷ HUERTA DE SOTO, Jesús. **Socialismo, Cálculo Econômico e Função Empresarial**. Trad. Bruno Garschagen. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2013. p. 21.

⁸ Idem. *Ibidem.*, p. 22.

no qual múltiplos agentes interagem de forma contínua e estabelecem relações de interdependência (ou seja, introduzem não-linearidades no sistema), e tanto há informação sendo constantemente gerada no transcurso das atividades do mercado, quanto há informação sendo dissipada no processo de evolução adaptativa do sistema. Como ocorre em sistemas (complexos) com alto grau de não-linearidade e que apresentam essa característica de evolução adaptativa, não dispomos de ferramentas analíticas (matemáticas) capazes de dar conta *deterministicamente* da evolução do sistema como um todo. Este é um ponto que merece ser mais bem desenvolvido e uma das tarefas que a Escola Austríaca deverá enfrentar no século XXI⁹.

Se insisto na importância da lógica e das evidências, isso deve-se à minha percepção de que temos a necessidade de afastar-nos da pequenez das verborragias ideológicas e de nos aproximarmos mais de uma postura que valorize o caráter científico do conhecimento. A diferença entre o cientista e o fanático é que o fanático não se rende às evidências. Quando os fatos contradizem seu modo de pensar, tanto pior para os fatos. Apesar da ineficácia do(s) socialismo(s) (quando não a sua perniciosidade) já ter sido mais do que corroborada em diversas ocasiões ao longo da história, grande parte dos que se dizem socialistas manifestam uma reverência irracional aos preceitos coletivistas, e fecham deliberadamente os olhos aos dados da realidade (algum problema no giro angular direito ou no córtex parietal inferior esquerdo, talvez?). Isso também explica por que o socialismo e suas variantes ainda arrebanham tantos adeptos: muitas pessoas preferem acomodar-se em uma retórica ideológica aconchegante ao invés de dar-se

ao trabalho de questionar os pressupostos, avaliar as evidências e interpretar os fatos. É por isso que precisamos fazer mais do que “pregar para os convertidos”. Cabe a nós dar o exemplo e, dessa maneira, colaborarmos mais para um melhor entendimento acerca de como a sociedade, a política e a economia funcionam, desde seus elementos mais fundamentais, até suas manifestações mais visíveis. Conforme aponta Huerta de Soto, a evolução das contribuições austríacas sobre a impossibilidade do cálculo econômico socialista nos últimos anos fez com que Mark Blaug (1927-2011), conceituado historiador do pensamento econômico, chegasse a afirmar que “*de forma lenta e extremamente relutante percebi que eles (os teóricos da Escola austríaca) têm razão e de que todos nós estávamos enganados*”¹⁰. São colocações como essa que indicam que ainda há esperanças. Mesmo em áreas tão permeadas por enviesamentos ideológicos como são as humanas e sociais, ainda é possível exercitar a busca desapegada pela verdade e pelo conhecimento – e a Escola Austríaca nos brinda excelentes exemplos disso.

Em conclusão, Huerta de Soto parte da estrutura lógica estabelecida por Mises e outros autores representativos da tradição austríaca, aprofunda diversos pontos dessa estrutura, estende a análise para questões mais atuais e amplia a corroboração empírica da posição austríaca. Por estar preocupado não somente com a lógica, mas também com as evidências, Huerta de Soto proporciona um passo a mais para a construção de uma teoria sólida do cálculo econômico. Nas ciências naturais, teorias não surgem da noite para o dia. Na época de Charles Darwin (1809-1882), por exemplo, ainda não havia uma teoria da evolução por seleção natural. Essa teoria foi sendo construída no transcurso das décadas subsequentes, passo a passo, mediante revisões e acréscimos graduais de novas ideias, e através do incessante acúmulo de evidências.

⁹ A este respeito, remeto o leitor ao meu artigo intitulado “Jogos Evolutivos, Sistemas Adaptativos Complexos e a Perspectiva Austríaca de Hayek: Uma Discussão Preliminar”, publicado nesta edição da *MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia*.

¹⁰ BLAUG, Mark *apud* HUERTA DE SOTO. **Socialismo, Cálculo Econômico e Função Empresarial**. p. 14.

Pois a precisão, a clareza e a consistência lógica são imprescindíveis, porém não suficientes: sem amparo em evidências, não podemos dizer que temos uma teoria. Hoje, como diz o zoólogo Richard Dawkins, as evidências para a evolução são esmagadoras¹¹ e, por isso mesmo, trata-se de uma das teorias mais belas e sólidas que a atividade científica humana já produziu. Arrisco dizer que, tal como no caso da evolução por seleção natural, as evidências contrárias ao(s) socialismo(s) também são esmagadoras. A partir da leitura do livro de Huerta de Soto, aprendemos que, apesar de todas as limitações e resistências internas que as áreas humanas e sociais enfrentam, a Escola Austríaca é capaz de produzir resultados que realmente nos dizem algo a respeito de como o mundo verdadeiramente funciona. ∞

¹¹ DAWKINS, Richard. **The Greatest Show on Earth: The Evidence for Evolution**. London: Free Press, 2009. Publicado em português como: DAWKINS, Richard. **O Maior Espetáculo da Terra: As Evidências da Evolução**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Claudio A. Tellez-Zepeda

Professor Agregado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)
Membro do Conselho Acadêmico do Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista (CIEEP)
Doutor em Relações Internacionais (PUC-Rio, 2014)
Mestre em Relações Internacionais (PUC-Rio, 2009)
MBA em Gestão de Comércio Exterior e Negócios Internacionais (FGV/RJ, 2008)
Bacharel em Relações Internacionais (Centro Universitário da Cidade, 2007)
Bacharel em Matemática com ênfase em Matemática Aplicada (PUC-Rio, 2004)
Membro do Conselho Editorial da *MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia*
Membro do Conselho Editorial da *Communio: Revista Internacional de Teologia e Cultura*
tellez.ca@gmail.com